https://dx.doi.org/10.35499/tl.v19i1.23362

CATEGORIZAÇÃO PRELIMINAR DO IDEOFONE "BACU" FALADO NO MUNÍCIPIO DE CAMETÁ-PA

GABRIELE MARIA MUNIZ DA SILVA (UFPA)*
https://orcid.org/0000-0003-1628-0177

MARCELO PIRES DIAS (UFPA)**
https://orcid.org/0000-0002-7129-1322

RESUMO

Este artigo trata da categorização preliminar do ideofone *bacu* encontrado na comunidade de fala do munícipio de Cametá, no estado do Pará, região amazônica. Para isso, traça-se uma junção entre os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista – para dialogar sobre o fenômeno investigado – e do Funcionalismo – para categorizar o ideofone. A coleta dos dados analisados deu-se a partir de trabalhos realizados sobre o fenômeno do ideofones (Melo, 2007; Silva, 2019) e coletas de dados em falas espontâneas proferidas por falantes cametaenses. Os resultados mostraram que o ideofone *bacu* apresenta um comportamento instável e categorização não previsível, o que possibilita uma pluralidade de significações.

Palavras-chave: Categorização; Ideofone; Sociofuncionalismo; Região amazônica.

ABSTRACT

PRELIMINARY CATEGORIZATION OF THE IDEOPHONE "BACU" SPOKEN IN THE MUNICIPALITY OF CAMETÁ-PA

This article aims to preliminary categorization of the ideophone *bacu* found in the speech community of the municipality of Cametá, in the state of Pará, Amazon region. To reach this objective, a connection is drawn between the theoretical-methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics – to discuss the phenomenon investigated – and Functionalism – to categorize

* Mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Pará (UFPA/PPGEL). Licenciada em Letras Português (UFPA). Lattes: https://lattes.cnpq.br/4863372530340642 .
E-mail: mmunizgabriele@gmail.com

** Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Pará (UFPA), com estágio doutoral (doutorado sanduíche) na Universidade de Santiago de Compostela (USC), Mestre em Estudos Linguísticos (UFPA) e Licenciado em Letras - Língua Portuguesa (UFPA). Atualmente é docente da Faculdade de Ciências da Linguagem (FACL), Campus Universitário de Abaetetuba e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL/UFPA, Campus de Cametá). Lattes: http://lattes.cnpq.br/2696005070967074.
E-mail: mpdias@ufpa.br

the ideophone. The collection of the analyzed data was based on studies carried out on the phenomenon of ideophones (Melo, 2007; Silva, 2019) and data collection in spontaneous speeches by Cametá speakers. The results showed that the ideophone *bacu* presents unstable behavior and unpredictable categorization, which allows for a plurality of meanings.
Keywords: Categorization; Ideophone; Sociofuncionalism; Amazon region.

INTRODUÇÃO

A dinamicidade da língua portuguesa falada é um dos focos de investigação na área dos estudos da linguagem. Por seu caráter dinâmico, plural e variável, seus falantes têm à disposição dois ou mais modos de dizer a mesma coisa, seja por construções já consolidadas – registradas em gramáticas ou dicionários – seja por expressões próprias – criadas, aceitas e utilizadas dentro de um grupo de fala. Essa ideia de pluralidade da língua, desde Bagno (2002, p. 179), é entendida como um comportamento linguístico heterogêneo, visto que "apresenta variação de toda ordem", ideia classificada pela linguística como variável social – faixa etária, procedência, sexo ou escolaridade.

Entre as muitas teorias e abordagens que versam a variação linguística, faz-se aqui uma coadunação entre as interfaces teórico-metodológicas da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo: o sociofuncionalismo. O estudo aqui apresentado é o resultado da disciplina Estudos Linguísticos do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins/CUNTINS, cuja busca investigativa deseja responder os seguintes questionamentos: como o ideofone "bacu" comporta-se nas falas espontâneas dos cametaenses? O que esse comportamento diz a respeito do sentido do ideofone "bacu"? Para isso, toma-se como objetivo analisar a categorização do ideofone "bacu" no português falado no município de Cametá-PA, e para atingirmos esse objetivo apresentaremos o contexto de uso do ideofone "bacu" e descreveremos a semantização do ideofone "bacu".

Nas seções a seguir encontram-se as descrições conceituais gerais sobre os ideofones, o aporte teórico-metodológico no sociofuncionalismo, e a descrição analítica do contexto e sentido do ideofone "bacu". Sendo um desenho preliminar e inovador nos estudos da linguagem, a categorização do ideofone "bacu" falado em Cametá ganha relevância investigativa ao abrir os primeiros caminhos no português brasileiro, especialmente no PB amazônico, para que se entenda como o fenômeno comporta-se e, consequentemente, dar subsídios a análises futuras dentro do recorte temático da variação e função.

SOBRE O FALAR CAMETAENSE E OS IDEOFONES

Uma das primeiras marcas encontradas sobre a formação histórica de Cametá[1]

1 Cametá é uma cidade paraense que se situada à margem esquerda do Rio Tocantins e apresenta população de aproximadamente 134.100 habitantes. Fundado em 24 de dezembro de 1635, o município é um dos mais antigos do Pará, cuja capital Belém está a 150km de distância. Disponível em: https://prefeituradecameta.pa.gov.br/o-municipio/sobre-o-municipio/

acontece ainda no século XVII, mais precisamente em 1617, com a chegada do Frei Cristóvão de São José, e de outros religiosos franciscanos que catequizaram os povos nativos que viviam na região: os Camutás (Miranda, 2005). O trabalho de evangelização, meio precípuo da colonização, determinou as influências de organização social, econômica, política e linguística da tribo dos Camutás – do Tupi "Cáa" e "Mutá ou Mutã", que em tradução geral significa "degrau no mato", justificada pela morada, caça e defesa dos nativos sempre em cima das copas das árvores.

A colonização dispensada na região foi fortemente marcada por uma mistura de etnias que constituíram a identidade cultural e linguística de Cametá, bem como delinearam os traços linguísticos visíveis hoje na comunidade. Alguns trabalhos já realizados no município apresentam o cenário da pluralidade do falar da região: em Oliveira e Furtado (2023, p. 54) discorrem que "o alteamento vocálico da média posterior alta /o/ em alta posterior /u/ em contexto tônico é um dos traços fonéticos bem-marcado que "identifica linguisticamente os habitantes desse município""; já em Coan e Costa (2019, p. 124), as autoras declaram que "o emprego de *tu* é mais frequente em contextos de simetria social, ao passo que *você* e *senhor*(a) tendem a ocorrer em situações comunicativas assimétricas, demonstrando de que maneira as relações sociopessoais (de poder e de solidariedade) interferem na variação".

Como o foco deste estudo não é realizar um panorama geral das marcas linguísticas que o município apresenta ou descrever a origem do falar cametaense, as pesquisas mencionadas acima servem apenas para ilustrar a heterogeneidade do falar da região. Outro recorte linguístico é o próprio ideofone, traço comum na fala dos cametaenses. O fenômeno tem as primeiras investigações realizadas nas línguas bantas no século XIX. Costa (2017) destaca que

> Antes do estabelecimento do termo 'ideofone', outros termos foram utilizados na descrição deste fenómeno, transparecendo alguns aspetos da sua natureza: "onomatopeias" (Doke 1922), "advérbios descritivos" (Junod 1896), "adjetivos invariáveis" (Whitehead 1899), "Lautbilder/picture words" (Westermann 1905;1930), "palavras expressivas", "interjeições", "radicais", "expressivos" (Diffloth 1972), "miméticos" (Kita 1997; Akita 2009), entre outros (Costa, 2017, p. 19)

Segundo a autora, os estudos reconheceram a presença de um conjunto de palavras com forte marcação de percepção sensorial, com características próprias e heterogêneas de língua para língua, no entanto, ainda não havia delimitação do conceito ou muitos menos dos critérios para classificação do fenômeno. A partir dos avanços feitos nos estudos de Doke (1935) é que se tem a definição mais difundida do termo: "A vivid representation of an idea in sound. A word, often onomatopoeic, which describes a predicate, qualificative or adverb in respect to manner, colour, sound, smell, action, state or intensity"[2] (Costa, 2017, p. 19).

Estudos posteriores buscaram a delimitação da compreensão dos ideofones, Newman (1968, apud Costa, 2017, p. 21) elenca dois questionamentos sobre o uso de ideofones: a) "o que são ideofones?" e b) "como funcionam os ideofones?". A res-

2 Tradução da autora: "uma representação vívida de ideia através do som. Uma palavra, muitas vezes, onomatopeica que descreve um predicado, qualificativo ou advérbio em relação a maneira, cor, som, cheiro, ação, estado ou intensidade"

posta à primeira questão seria capaz de compreender o ideofone universalmente, e a segunda resposta seria direcionada à análise dos ideofones de língua para língua. Costa (2017, p. 21-22) destaca a contribuição metodológica de Childs (1994), a definição prototípica. O protótipo agrupa tendências de comportamento dos ideofones e generalizações adaptáveis a quase todas as línguas:

i. estrutura sonora particular;
ii. frequência de reduplicações;
iii. relativa independência sintática;
iv. descrição de percepções sensoriais;
v. significados mais icônicos que outros itens lexicais e;
vi. ocorrência na comunicação oral.

Pesquisas mais tarde, como a de Dingemanse (2011, p. 19), estabeleceram novos conceitos ao fenômeno: "palavras marcadas que retratam imagens sensoriais". De acordo com o autor, a explicação para a nova definição toma como ponto de partida as características linguísticas globais e básicas sobre os ideofones, permitindo discussões de sua definição em línguas analisadas individualmente. Embora seja certa a contribuição de Dingemanse, acrescenta-se aqui uma terceira definição para o fenômeno considerando o português brasileiro, especificamente o português falado no município de Cametá: ideofones são escolhas linguísticas orais subjetivas que exprimem percepções sensoriais. A busca por uma formulação conceitual própria para o ideofone na variedade do português falado em Cametá é justificado pela existência de ideofones com carga semântico-sintática iguais, como acontece com "tchum" e "tebei", cujo sentido está na captura da ação de tomar impulso para realizar algo previsto ou imprevisto (aquilo que não sabia que aconteceria). Assim, pode-se encontrar os seguintes dizeres em Cametá:

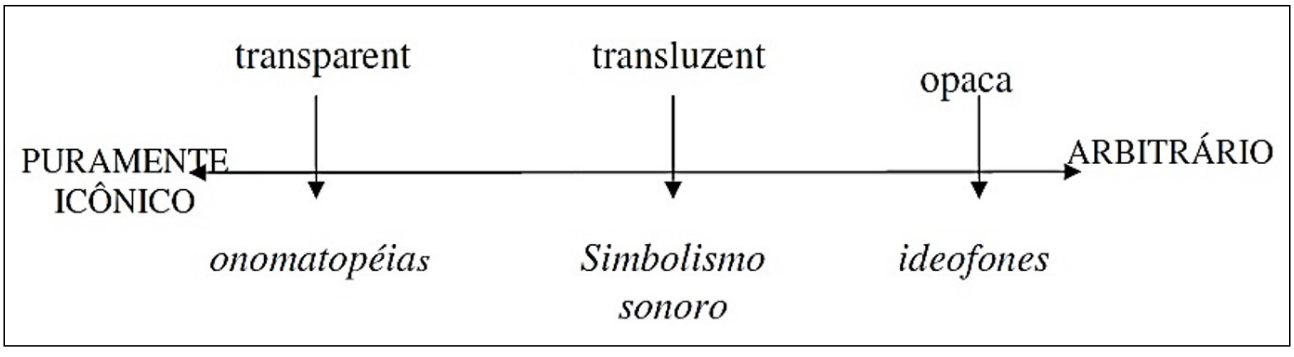
a. tomar impulso *para pular* (ação prevista):
a criança <u>tchum</u> no rio
a criança <u>tebei</u> no rio

b. tomar impulso *para balançar, mas cair* (ação imprevista)
ele se embalava na rede e <u>tchum</u> no chão, a corda arrebentou
ele se embalava na rede e tebei no chão, a corda arrebentou

Diz-se aqui "escolha subjetiva" justamente pelo fato de haver mais de um termo ideofônico para expressar a mesma ideia e, mesmo assim, ser compreendido no meio social em questão. Melo (2007) destaca 111 construções ideofônicas no falar paraense, estando catalogados em quatro categorias sensoriais: a locomotiva, a visual, a auditiva e a emotiva. Na primeira categoria – a locomotiva – estão os ideofones que expressam ideia de movimento, de locomoção, como os termos "bacu" e "tchum". Na segunda categoria – a visual – estão os ideofones que exprimem significado de tamanho ou aparência, como "fifiti" e "teba". Na terceira categoria – a auditiva – estão os ideofones que manifestam sentido de barulho ou fala/perguntas, como "hum, hum" e "hem, hem". Na quarta categoria – a emotiva – estão os ideofones que expressam sentido de estado ou comportamento, como "xibante" e "boboca".

Construções ideofônicas expressam percepções sensoriais que estabelecem relações de maior ou menor grau de afinidade entre som e significado. Tais construções não podem ser classificadas como onomatopeias, pois ideofones representam mais que sons, representam ações. Sobre essa relação, Fordyce (1988, apud Melo, 2007, p. 24) apresenta a seguinte escala:

Figura 1. Escala entre som e significado estabelecido por Fordyce (1988).



Fonte: Melo (2007, p. 24).

De acordo com Fordyce (1988), as onomatopeias são dependentes diretas dos sons, tendo seu sentido tão transparente – tão icônico – a ponto de ser identificado em qualquer língua. No entanto, em alguns casos, determinadas construções não têm seu sentido tão transparente/icônico assim, sendo, então, um caso opaco de som-sentido, cuja arbitrariedade de som-sentido necessite de uma língua determinada em um contexto determinado de fala para produzir sentido. É nesta arbitrariedade de som-sentido que se estuda o ideofone "bacu".

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA

O percurso investigativo que se faz aqui é um cruzamento entre os princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo, buscando uma abordagem mais ampla para tratar da categorização do ideofone "bacu": o sociofuncionalismo.

Sociolinguística Variacionista, conhecida também como Teoria da Variação e Mudança, tem como objeto de estudo a própria diversidade da língua quando busca analisar a fala em seu contexto real de uso. Tomada como área de conhecimento da linguística somente no século passado a partir dos estudos de partir dos estudos de Weinreich, Labov e Herzog (1968), a Sociolinguística Variacionista preocupa-se em analisar e descrever a heterogeneidade linguística dentro da própria língua, criticando, pois, os postulados saussurianos sobre a dicotomia langue/parole. De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006):

> Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidade que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico (Weinreich, Labov e Herzog, 2006, p. 126).

A língua, para o estudo variacionista, admite mudanças e é a fala esse agente. Assim, analisa-se, descreve-se e documenta-se a mudança linguística dentro de uma comunidade de fala que, segundo Labov (2008, p. 188) "não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todos as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua". Para esta análise, toma-se dos estudos variacionista o fenômeno linguístico do ideofone dentro da comunidade de fala cametaense.

O segundo pressuposto teórico discutido é o Funcionalismo, teoria que se fundamenta na ideia de que a língua é funcional, pois age sempre com uma função. Segundo Costa (2016), a língua é uma estrutura grama-

tical ordenada e muitas vezes inconsciente que serve como meio de interação entre os falantes e que está sujeita às influências do contexto social, já que

> a situação comunicativa na qual o falante está inserido condiciona, restringe, explica, e até mesmo determina a estrutura gramatical. Então se a língua varia é porque os inúmeros fatores que influenciam o seu uso variam também, pois, para cumprir propósitos mais gerais, de que nem sempre se tem consciência, o sistema linguístico tem natureza adaptativa, pois é sensível às pressões do uso (GIVÓN, 2001). É a gramática moldando o discurso e este moldando a gramática (Costa, 2016, p. 84).

A teoria funcionalista, pois, ao compreender que a língua é funcional e está subordinada pelas pressões de uso, considera seu estudo a partir do contexto, "partindo da *função* para buscar compreender a *forma* no ato comunicativo e não depreender a *forma* para em seguida procurar explicações das diferentes funções que esta possa exercer" (Costa, 2016, p. 84 – grifos da autora). Desse modo, dois princípios da teoria funcionalista devem ser pontuados: o princípio da iconicidade e o princípio da marcação (Givón, 1995).

O princípio da iconicidade – conhecido também como princípio da motivação funcional – diz respeito à relação motivada existente entre a forma e a função. A forma como se produz o conteúdo linguístico reflete sua função, de tal como que essa forma e função estabelecem uma relação transparente, isto é, a relação que se manifesta é icônica, representa aquilo que se quer representar. Já o princípio da marcação, refere-se à proporcionalidade entre a complexidade estrutural e a complexidade cognitiva, isto é, quanto mais complexa a produção do conteúdo linguístico, mais complexa – e marcada – a exigência cognitiva. O princípio da marcação diz respeito às estruturas mais formais da língua, enquanto as informais referem-se às não-marcadas, sem alta complexidade.

Diante da síntese sobre a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo, toma-se as ideias precípuas sobre o Sociofuncionalismo. Segundo Costa (2016, p. 86), o sociofuncionalismo "não constitui uma teoria, mas uma nova abordagem, voltada para os aspectos discursivos da variação". Assim, não sendo uma teoria, existirá divergências ao aproximar duas vertentes diferentes, porém, essa mesma aproximação possibilitará uma visão ampliada para as discussões acerca do objeto em questão. Bybee (2010) destaca ainda sobre essa aproximação:

> Em uma teoria baseada no uso, os estudos quantitativos passam a ser extremamente importantes para a compreensão da amplitude da experiência com a língua. A tradição variacionista iniciada por Labov (1966, 1972), embora destinada à compreensão de como ocorre a interação de fatores sociais com a fonologia e a gramática, também fornece uma metodologia apropriada para o estudo da variação e da mudança gramatical (Bybee, 2010, p. 114)

Assim, o sociofuncionalismo que se toma nessa análise preliminar é justamente a possibilidade de uma investigação ampliada da variação linguística – elemento variacionista – dentro de seu contexto de uso – fator de uso funcional –, considerando as diferenças entre as duas teorias e, assim como pontuado por May (2009, p. 70), caminhando para "uma conversa na diferença".

OS CONTEXTOS E SENTIDOS DO IDEOFONE "BACU"

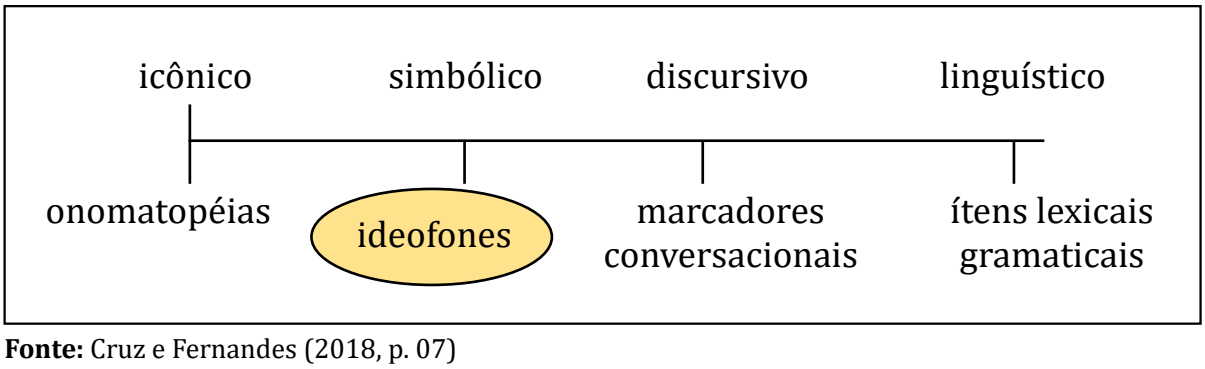
Aqui, propõe-se uma análise em fase inicial sobre a categorização do ideofone "bacu", resgatando em alguns trabalhos sentido e/ou definições para o fenômeno. Assim, uma

primeira categorização pensada está nos achados de visão Cruz e Fernandes (2018) ao localizar o ideofone do falar paraense em um *continuum* tal qual visto em Fordyce (1988) (ver figura 1). As autoras apontam que a produção de um novo *continuum* se deve à elasticidade visualizada nos ideofones, a construção com base em seu comportamento e sua relação pragmático-discursiva. Segundo as autoras:

> A representação se dá em forma de um continuum que vai de um extremo em que se localizam as formas onomatopeicas, portanto, o nível puramente icônico; logo após tem-se o nível simbólico, onde se localizam as construções com expressividade sonora e jogo fonético, as construções ideofônicas; em outro ponto encontra-se o nível discursivo, neste se encaixam os marcadores conversacionais; e, finalmente, até o outro extremo em que se localiza o nível puramente linguístico, no qual se encontram as formas lexicais que fazem parte do vocabulário convencional do Português brasileiro (Cruz e Fernandes, 2018, p. 06)

Assim, a ilustração do que as autoras defendem é a seguinte:

Figura 2. Continuum icônico-linguístico do ideofone paraense



Fonte: Cruz e Fernandes (2018, p. 07)

Retomar o pensamento das autoras auxilia o processo inicial de categorização do ideofone "bacu" ao passo que se observa o seguinte ponto: pertencente à categoria locomotiva (Melo, 2007), o ideofone "bacu" é uma representação sonora, puramente simbólica, mas que denota também o sentido de ação. De acordo com as autoras, as construções locomotivas:

> (...) surgiram na fala em contextos que, na frase, poderiam ser utilizadas palavras que expressassem a sensação de movimento e/ou locomoção ou que estivesse dentro desse campo semântico, como: andar, pular, correr, bater, etc. Porém, o falante opta por utilizar expressões sonoras que substituem essas palavras. São construções sonoras, ou seja, estão associadas a emissão de som, mas não se tratam de onomatopeias, pois não estão simplesmente, imitando um som, mas significando um ato ou um movimento (Cruz e Fernandes, 2018, p. 8-9)

É o significado da ação que o ideofone "bacu" simboliza que será categorizado. Abaixo, estão dispostos dois grupos com trechos contendo o fenômeno em análise. O primeiro grupo foi coletado nos trabalhos de Melo (2007) e Silva (2019), e o segundo grupo teve sua coleta em ambiente não controlado[3]. Justifica-se a presença das amostras do segundo grupo nesse estudo por ter sido encontrado novas estruturas de uso e função do ideofone "bacu".

3 O segundo grupo refere-se à coleta informal feita em sala de aula após a apresentação deste trabalho. Discentes do PPGEL/CUNTINS manifestaram seus conhecimentos sobre o fenômeno em questão, e o material foi registrado em caderno para posterior análise.

a) Primeiro grupo: achados em Melo (2007) e Silva (2019)
(1a) "...taquei-lhe na cara dele, pá e eu "**bacu**"" (Melo, 2007, p. 53).
(1b) "...se ela passa do meu lado dou-lhe "**bacu**" nela" (Silva, 2019, p. 71)

b) Segundo grupo: coleta em ambiente não controlado
(2a) "ele veio querer me bater, e eu "**bacu**" na mão dele" (movimento com as mãos)
(2b) "quando eu tô em casa, eu fico "**bacu, bacu, bacu**"" (movimento com as mãos)

A primeira consideração a ser feita sobre as quatro construções acima é a seguinte: em todos os casos o ideofone "bacu" age na função de predicado, há ausência de produção do "bacu" como agente oracional.

o **bacu** dado no braço dele / o **bacu, bacu, bacu** feito em casa

(exemplos criados pela autora)

Não apresentando para este estudo tal função[4], parte-se para a análise das funcionalidades do "bacu" como predicativo. Os trechos (1a) e (1b) apresentam "bacu" com a ideia da ação verbal de bater, nota-se o uso do ideofone como carga de sentido completa em si mesmo, isto é, [eu **bacu** ou dou-lhe **bacu**] denotam a própria ação de bater, o evento verbal em si. O trecho (1b) ainda apresenta "bacu" em uma posição de perífrase verbal, cuja ideia principal centra-se no ideofone. Costa (2017, p. 32) ressalta que os "ideofones exibem um certo grau de isolamento no interior das estruturas frásicas regulares", fato que justifica a ocorrência de serem "itens mais periféricos (tendem a localizar-se num limite sintagmático), mais opcionais e mais autónomos (podem ocorrer em total isolamento)". Em Costa (2017, p, 34-35), ideofones como os encontrados em (1a) e (1b) são categorizados como "ideofones independentes sintaticamente", ou seja, são aqueles que "distinguem-se principalmente pelo isolamento sintático (...) a iconicidade é muito frequente nestes ideofones".

Diferentemente das funcionalidades encontradas no primeiro grupo, as ocorrências do segundo grupo apresentam dois usos distintos: embora (2a) apresente um comportamento sintático similar ao trecho (1a), destaca-se a distinção entre os valores semânticos. A passagem [eu **bacu**] de (2a) expressa sentido de pegar, que é reforçado pelo movimento das mãos realizado pelo sujeito-participante. Sobre esses movimentos, Cruz e Fernandes (2018) descrevem que

> "Para obter a tradução do significado de uma construção ideofônica, foi necessário levar em consideração, a associação de meios não-linguísticos como a Cinesi, que são atitudes corporais, movimentos, gestos, troca de olhares, mímicas faciais que muitas vezes se realizam concomitantemente a realização ou uso das construções. Tais construções são, muitas vezes, flutuantes, pois passam de um significado a outro dependendo do seu usuário, do contexto e da intenção comunicativa" (Cruz e Fernandes, 2018, p. 9)

Como previsto pelas autoras, construções ideofônicas não apresentam função ou significação estáveis por representarem percepções sensoriais, assim o papel de uso e funcionalidade de um ideofone – neste caso, o "bacu" – é dado pelo uso que o falante faz, não por critérios gramaticais, pois "dependendo da situação ou da intenção do falante, essas funções ou significados podem sofrer mudanças até imprevisíveis" (Cruz e Fernandes, 2018, p. 9).

Diferentemente de (2a), o trecho (2b) apresenta duas situações necessárias de análise: a primeira, a reduplicação. Sobre

4 A ausência do "bacu" como agente oracional é para este estudo, considerando que os trechos apresentados não representem tal funcionalidade. No entanto, julga-se possível existir algum contexto do ideofone nessa categoria dada sua elasticidade semântico-sintática.

esse processo, Costa (2017, p. 29) descreve ser uma maneira "não-linear" de afixação, pois pode se apresentar de dois modos: total ou parcial. No caso de [eu fico **bacu**, **bacu**, **bacu**], observa-se uma reduplicação total – ou completa –, isto é, aquela que "envolve a cópia de toda a base". A reduplicação total associada ao movimento das mãos confere ao ideofone uma categorização de intensificador. Sobre isso, Costa (2017) diz que

> Nesta categoria são incluídos ideofones que modificam, intensificam ou atenuam o conteúdo semântico de um verbo ou adjetivo, à semelhança da função que os advérbios de intensidade desempenham nas línguas europeias. São, pois, traduzíveis por 'muito' ou 'completamente'. Tipicamente, estes ideofones não são onomatopaicos (Costa, 2017, p. 33)

O caso de (2b) tem no movimento das mãos exprime um verbo implícito na construção. Na coleta em ambiente não controlado, o participante da pesquisa apresentava, concomitantemente à reduplicação do ideofone "bacu", a configuração das mãos em movimento de abrir e fechar no ponto de articulação em frente a área da boca, emitindo o sentido de "ficar comendo muito". Assim, o verbo implícito na construção estaria sob a responsabilidade dos movimentos empregados pelas mãos, e a intensificação da ação pela reduplicação do ideofone "bacu": [eu fico comendo **bacu**, **bacu**, **bacu**].

Desde muito cedo, pesquisadores foram instigados pela heterogeneidade e autonomia dos ideofones presentes nas várias línguas. Não diferente, este estudo é um trabalho em direção aos muitos caminhos de categorização que um ideofone pode apresentar. Ressalta-se, mais uma vez, que o descrito aqui é um estudo inicial sobre o comportamento do ideofone "bacu" falado na variedade do português de Cametá- Pa. Desse modo, as análises apresentadas estão em fase de maturação, buscando por outras fontes de categorização sobre ideofones do português brasileiro, investigando a etimologia do "bacu" em documentos linguísticos e aprofundando nas leituras sobre descrições sociofuncionalistas.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de categorizar um termo, isto é, organizá-lo em categorias previstas e atribuí-lhes funções a partir de seus usos é um trabalho desafiador nos estudos da linguagem. Diz-se desafiador pela necessidade da compreensão contextual que a construção frásica representa para o emissor e se apresenta para o receptor. No caso do ideofone "bacu", a categorização necessitou da compreensão de elemento que nem estavam visíveis no enunciado. Assim, para a composição de algumas considerações desse estudo tem-se:

- Ideofones são estruturas heterogêneas e autônomas;
- O ideofone "bacu" não representa unicamente um som, mas uma ação;
- Sua categorização não é previsível, depende do uso e de sua função;
- O ideofone "bacu" pode se apresentar com ou sem reduplicação e ainda sim ter sentido;
- O ideofone com reduplicação total ganha intensificação de sentido;
- O comportamento do ideofone "bacu" não é estável;
- A instabilidade de comportamento do ideofone "bacu" possibilidade significações;

As considerações apresentadas nesse estudo atestam para a amplitude investigativa dos ideofones, considerando não se tratar de uma representação sonora universal – como

as onomatopeias –, mas de processo complexo, subjetivo e arbitrário de escolhas para as representações sensórias dos falantes.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **A linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

COAN, Márluce; COSTA, Raquel Maria da Silva. **A dimensão estilística da variação e as formas de tratamento tu/você/senhor(a) em Cametá-PA**. Universidade Federal do Pará: Revista Moara, 2019, p. 109-128.

COROA, M. L. M. S.; LIMA, S. **Recategorização, semantização e discursivização na trajetória de gramaticalização do onde**. Anápolis: Via Litterae, 2013, p. 307-333.

COSTA, Raquel Maria da Silva. **A alternância das formas pronominais tu, você e o(a) senhor(a) na função de sujeito no Português falado em Cametá-PA**. 2016. 391 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, 2016.

COSTA, Patricia Pardal da. **Ideofones em Santome**. 2017. 128 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Lisboa, 2017.

CHILDS, Tucker. 1994. **African Ideophones**. In Hinton, Nichols & Holm (eds.) Sound Symbolism. Cambridge: Cambridge University Press.

CRUZ, Regina Fernandes. FERNANDES, Helane. **Ideofones do falar paraense e suas representações sensoriais**, 2018.

DINGEMANSE, Mark. **The meaning and use of ideophones in Siwu**. 2011. 441 f. Tese. Nijmegen: Radboud University Nijmegen, 2011.

DOKE, Clement. **Bantu Linguistic Terminology**. London: Longmans, Green and Co, 1935.

LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. Tradução: Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

MAY, G. **Discutindo o papel do funcional no sociofuncionalismo**. Working papers in Linguística, 10 (2): 69-79, Florianópolis, jul. dez., 2009.

MELO, Helane de Fátima Fernandes. **Ideofones**: um estudo no falar paraense. 2007. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, 2007.

MIRANDA, Elis de Araújo. **Cametá**: marcas da presença portuguesa na Amazônia. In: Congresso Internacional O espaço Atlântico de Antigo Regime: poderes e sociedades. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2005.

OLIVEIRA, Dara Pinto de. FURTADO, Raquel Maria da Silva Costa. **Percepções linguísticas acerca da variedade falada em Cametá-PA**: o alteamento na vogal média posterior /o/ em posição tônica. Mandinga: Revista de Estudos Linguísticos, 2023, p. 53-69.

Prefeitura de Cametá. **Sobre o município**. https://prefeituradecameta.pa.gov.br/o-municipio/sobre-o-municipio/ Acesso em: 15 de mar. 2025.

SILVA, G. M. M. **Atitudes linguísticas diante dos ideofones da variedade do português falado em Cametá-PA**. Universidade federal do Pará: Campus Universitário do Pará, 2019.

WEINREICH, Uriel, LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Trad. de Marcos Bagno. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.

Submetido em: 17/03/2025
Aceito em: 23/06/2025

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.